

“Carta a um filósofo” - Carolina Ferrarezi
Para: Maurice Merleau-Ponty

São Paulo, Primavera de 2016

A/C Maurice Merleau-Ponty

Estimado Maurice, a filosofia sempre foi muito intensa em minha existência, todos os seus temas e assuntos me fascinam, como algo inerente a minha própria condição de ser, mas foi ao encontro de seu pensamento e na sua abordagem na fenomenologia e na arte, em especial, que encontrei similaridade na maneira de refletir sobre a existência. As questões mencionadas nas suas obras, que surge como intuito de ultrapassar as amarras feitas por uma ânsia da tradição filosófica de apropriação de mundo são simplesmente instigantes e encantadoras.

Sua filosofia transcende os pontos de partida adotados para explicação do mundo: a teologia, o naturalismo cientificista e o humanismo, presente na filosofia da consciência, que traz a estrutura do pensamento de Kant, a ruptura entre o corpo e a alma, o pensamento reflexivo que aborda a consciência como pura interioridade, capaz de uma posse intelectual do mundo, foi perfeitamente reelaborada e desconstruída em sua tese.

Acredito, querido Maurice, que ao se deparar com a herança dos escritos de seus colegas da filosofia te deixaram e ao tentar aplicar esses pensamentos no campo da fenomenologia, encontrou uma grande lacuna, um desconexo, e essa falta de encaixe acarretada por situações que ela não conseguiu solucionar, será o grande desenvolvimento da sua produção, uma filosofia que não procura definir e nem um único ponto de partida como explicação, que não separa o corpo da alma, que não toma o mundo como posse, mas como pertencimento. A filosofia retorna para sua verdadeira identidade: o ser humano está jogado em um solo original, um mundo abstrato que é inerente à sua condição de humano, não podemos sair de nós mesmos para interpretar o mundo, o nosso corpo não é passivo ao se relacionar com o mundo. Nosso corpo,

enquanto um corpo cognoscente, não se desvincula, é o início para nos relacionar e perceber os mistérios do mundo e do exercício da razão, a forma como percebemos é que funda a nossa ideia de verdade.

Existem disposições naturais do ser, a forma como nos relacionamos, o próprio sentir, as diferenciações, forças que nos impulsionam no caminho para tornar visível o que é invisível, corpo, tempo, espaço, motricidade, sexualidade, linguagem, o próprio sentir e a liberdade, formam um caminho para refletirmos e reaprendermos a ver o mundo.

Sou imensamente grata por encontrar em seu pensamento algo novo, uma linha moderna no campo da fenomenologia, que reúne filosofia e arte para compressão e questionamentos da existência.

Sabe Maurice, estamos no século XXI, uma era em que a técnica tomou a frente na maneira de nos relacionarmos. A tecnologia continuou a evoluir e, em contraste o sentir foi “soterrado” em uma época em que o tempo está na relatividade da aceleração para o benefício da técnica. Nesse contexto o ser humano quando não consegue preencher uma ausência latente do sentir, sem processar o que de fato ocorre, a falta eminente da experiência de sentir e de externar esse sentimento, é o afastamento daquilo que nos humaniza, causando efeitos desastrosos no humano. É quando temos que nos esforçar para discutir e trazer essas questões ao campo da filosofia. Pois essa necessidade que possuímos é inerente à nossa própria condição.

É na sua última obra que trata sobre a questão do visível e do invisível, é que me baseio para trazer a questão da arte como papel fundamental no processo de humanização, e na análise do ser bruto e do ser selvagem, como processo de produção, da forma de expressar as diferenciações pertencentes a nossa condição de humano, trazer a interioridade para exterioridade, tornar visível o que está invisível, um percurso para preencher de um vazio. Me aproprio desse seu pensamento para refletir sobre o cenário atual ao qual pertenço.

O indivíduo e o mundo coexistem e a experiência de produzir (preenchimento de um vazio, ocasionado pela própria existência), ou até mesmo ao simplesmente me conectar com as obras de outros artistas, sejam eles: pintores, escultores, escritores, cineastas, dançarinos, desperto em mim uma elevação da minha existência, vivencio o que nos difere dos outros seres. E no atual momento em que te escrevo, caro Maurice, esse desvendar do sentir e o entendimento desse processo e dessas questões do sujeito como um ser “sem amarras”, é fundamental para combatermos e refletirmos sobre essa onda conservadora de retrocessos ao qual estamos vivenciando, que coisifica o humano, impelindo suas emoções, deturpando o seu próprio corpo.

Por fim, amado filósofo, espero que minha pesquisa dentro dos seus textos, e minhas futuras obras, possibilite uma continuidade da visibilidade da sua produção, pois de acordo com a nossa similaridade de pensar, a arte nunca está acabada, é uma tarefa interminável, cada começo será promessa de um recomeço. A obra à qual me debruço é captada como um excesso do que se queria dizer, um excesso que possibilita uma nova criação por conter um vazio no seu interior. O artista é aquele que fixa e torna acessível aos demais humanos o espetáculo de que participam sem perceber. É nesse esforço em meio a essa época conturbada e caótica que busco descoisificar o humano, propondo reflexões e envolvimento com a percepção, afinal, meu caro amigo, quando percebo, não penso o mundo, ele organiza-se diante de mim, não é mesmo?

Carolina